



Arqueologia do Rio Grande do Norte

balanços e perspectivas

Márcia Severina Vasques

Francisca Miller

Organizadoras

Márcia Severina Vasques
Francisca Miller
(Organizadoras)

Arqueologia do Rio Grande do Norte

balanços e perspectivas


edufnrn
Natal, 2021

**Arqueologia do Rio
Grande do Norte:
balanços e perspectivas**





Arqueologia no Rio Grande do Norte:

balanços e perspectivas

Tom Oliver Miller¹

A Arqueologia no Rio Grande do Norte começou tarde, assim como na maior parte do País. Os indícios mais antigos que temos são os de José de Azêvedo Dantas (1994), para pinturas rupestres na Paraíba e no Seridó. Relatos antigos de viagens importantes existem, como, por exemplo, o de Nieuhof (1981) e levantamentos históricos de dados como o de Medeiros Filho (1984), Pires (1990) e de Mariz (1995). Resumos da Arqueologia do Nordeste se encontram nos trabalhos de Martin (1999) e de Prous (1992).

Trabalhos no Museu Câmara Cascudo

Na década de 1960, o Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte, agora Museu Câmara Cascudo (MCC), iniciou uma série de trabalhos geológicos, paleontológicos e paleoantropológicos, sob a direção do antropólogo físico José Nunes Cabral de Carvalho e com a participação de outros estudiosos, tais como Antônio Campos e Silva. Um dos enfoques desse grupo foram os “cacimbos” ou poços permanentes na região semiárida, onde se encontraram ossadas

1 Doutor em Antropologia e Arqueologia e professor aposentado da UFRN.

de megafauna pleistocênica e também (embora ainda sem associação direta demonstrável) artefatos como lascas. Anos depois, Valdeci Santos Júnior, Kleber Porpino e Abraão Sanderson Silva (2007), retomaram essa mesma questão.

Nas décadas de 1960 e 1970, Nássaro A. S. Nasser (1967, 1971, 1974), da equipe do citado Instituto, incorporou-se ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), patrocinado pelo *Smithsonian Institute* e orientado por Betty Meggers e Clifford Evans e, no Nordeste, Valentin Calderón, da UFBA. Nássaro pesquisou vários sítios cerâmicos e definiu uma Fase (Curimataú) tupi e outra (Papeba) não tupi, sendo esta classificável dentro da Tradição Aratu. Posteriormente, Tom Oliver Miller (1991b) ligou o material Papeba ao povo tarairiú de Janduí.

1 Os trabalhos de Laroche

Em termos de publicação, o arqueólogo mais prolixo do RN, sem dúvida, é Armand F. G. Laroche, durante o tempo em que trabalhou no Museu Câmara Cascudo. Num trabalho posterior, pretendemos avaliar as suas formulações paleoecológicas e paleodemográficas, inclusive de rotas migratórias e cronologias de migrações, dentro de um contexto maior.

No momento, vamos enfocar uma publicação sua sobre um sítio paleoindígena, juntamente com os seus comentários sobre o material lítico em geral, porque o volume das suas contribuições e o fato de estas serem pouco citadas fora do RN justifica um exame da sua metodologia.

Laroche começou a se interessar pela Arqueologia quando era curador de um minimuseu no *Gymnásio Pernambucano*. Foi aí que passou a fazer incursões em sítios arqueológicos, num momento em que a Arqueologia Brasileira estava tentando se modernizar e ir além da coleta de “espécimes”, como na História Natural. Um grupo de profissionais, não querendo

desencorajá-lo nem deixar que houvesse intervenções em sítios arqueológicos por pessoas desqualificadas, mesmo bem intencionadas, recomendou que ele fosse estudar com um profissional. Laroche aceitou, então, a recomendação e foi estudar com Valentin Calderón, o qual, desde 1965, participava do PRONAPA.

Embora Calderón tenha tido a sua própria formação em Arte Sacra, passando daí para a Arqueologia Histórica e não Pré-histórica, fez o que podia com relação a Laroche, o qual, após o período de orientação, voltou ao *Gymnásio Pernambucano* para continuar as suas pesquisas. Em 1977, matriculou-se num curso de Tecnologia Lítica na Universidade de Campina Grande/PB, ministrado por Tom Oliver Miller, e, em 1978, visitou o Museu Câmara Cascudo, cujo diretor na época, José Nunes Cabral de Carvalho, estava querendo criar um Departamento de Arqueologia, desfalcado pela saída de Nássaro. Assim, o pesquisador pernambucano se mudou para o Rio Grande do Norte e começou o seu trabalho infatigável de pesquisas arqueológicas no Estado. No ano seguinte, Cabral contratou Vicente Tassone, arqueólogo italiano com formação europeia, convidando, posteriormente, Tom Oliver Miller, que tinha se mudado da UFSC para o Departamento de Ciências Sociais da UFRN, para dedicar um expediente (20 horas semanais) ao MCC.

Designando a si mesmo como “autodidata”, Laroche, consequentemente, não tinha titulação de um curso superior. Isto por si só constituía mais um elogio do que uma limitação (não fosse o risco de eventuais problemas burocráticos com a sua contratação para uma Instituição de Ensino Superior. Esses problemas, todavia, curiosamente, nunca chegaram a se concretizar). Afinal, algo parecido tinha se dado com o grande mestre pioneiro de estudos da tecnologia de pedra lascada, Don Crabtree, que não somente era autodidata, mas quase analfabeto (ditou os seus estudos para a esposa registrar por escrito). Mais sério foi o fato de, com o passar de anos, Laroche, ter sido

acometido de catarata, ficando, praticamente, cego. Mesmo assim, tentou analisar e classificar material lítico – incluindo o do abrigo sob rocha de Martins.

Nos seus estudos de 1984, dedicando-se à morfologia das tecnologias líticas (LAROCHÉ, 1984a/b), Laroche faz uma pequena revisão parcial da literatura sobre mudanças climáticas, para situar e interpretar as suas datações em relação às referidas tecnologias. Entrando com uma restrição sobre as datas para os eventos climatológicos da sequência, que podiam não ser as mesmas para todas as regiões do País, procurou associar complexos específicos a datas radiocarbônicas e relativas.

Vamos examinar primeiro, como exemplo, a sua discussão sobre uma suposta indústria de “micrólitos” não só no Nordeste do Brasil, mas em várias partes desse País, porque se trata de um assunto que tem recebido menos atenção do que merece. Simpatizamos com a sua preocupação com uma suposta entrada de uma classe de “micrólitos” na sequência, os quais ele data de 11.000 A.P., declarando que já existiam na Sibéria nessa data.

Nós também encontramos um fenômeno no Sudeste do Brasil que chamamos de “miniaturização”, uma prática de utilização de instrumentos de tamanho reduzido ou com bordos ativos também de tamanho reduzido, com a pressuposição de que ao menos os primeiros seriam destinados a um encabamento em instrumentos maiores. Preferimos não usar o termo “micrólito” por causa das implicações de identidade com os instrumentos miniaturizados, altamente padronizados e bem conhecidos, da Europa, que ostentam esse rótulo. Laroche, ao contrário, aplica aqui a sua prática de comparar instrumentos pré-históricos brasileiros a outros do Velho Mundo (especialmente a França) com o fim de encontrar “tipos diagnósticos”, que viabilizariam uma datação por analogia.

Questionamos, porém, a validade de tais comparações, por razões metodológicas: antes de se usarem tais comparações

para documentação de uma datação contemporânea de dois complexos tão distanciados em espaço (neste caso da Europa ao Brasil, atravessando a Sibéria e a América do Norte), seria necessário DEMONSTRAR-SE (não presumir-se) que se trata do MESMO fenômeno e não apenas de uma semelhança subjetivamente percebida ou de um rótulo de conteúdo presumido, mas não examinado. Uma questão fundamental aqui seria, portanto, “O que é um micrólito?”, com a desvinculação da resposta a qualquer definição de “tipos diagnósticos” de outros continentes.

Por outro lado, podemos admitir como hipótese que, de fato, pode ter havido uma *tendência* para a “miniaturização”, numa certa época, sem referência a fenômenos extracontinentais. Tal tendência não representaria nenhuma padronização de forma além da própria característica da miniaturização em si.

Partindo disso como hipótese testável, podemos proceder a uma segunda questão: qual a provável data desse fenômeno em cada região onde ele venha a se manifestar? A nossa sugestão para a Região Central do Estado de São Paulo foi a de que tal fenômeno acompanhara uma suavização climática, ocorrendo de 10.000 a 8.000 A.P. (com as camadas deflacionadas ou redepositadas durante a erosão agressiva do Máximo Térmico), dentro da gama de tempo indicada por achados miniaturizados em Chivateros, no Peru (ver WILLEY, 1971). Isso não torna descabível a data de Laroche, de 11.000 A.P., para a miniaturização de instrumentos no estado de Pernambuco, sem usar acontecimentos na Europa como supostas evidências.

O trabalho do pesquisador em pauta, numa gruta no município de Martins (LAROCHÉ, 1988), representa a primeira investida arqueológica num abrigo sob rocha no Rio Grande do Norte, a qual deve-se cercar dos maiores cuidados de documentação. Nesta, encontramos comentários sobre a geologia e

a classificação dos restos de fauna oferecidos pelo paleontólogo Leon Diniz Dantas de Oliveira, anexos ao trabalho arqueológico.

Laroche nos informa que a escavação se dera em camadas de 20 cm cada, com material registrado em 15 camadas, desde 20 cm a 300 cm da superfície. Ora, vinte centímetros é uma camada demasiadamente espessa para dividir a sequência de depósitos num abrigo sob rocha, pois a deposição natural, via de regra, dá-se muito lentamente, tal que a maioria dos estudiosos prefere uma divisão mais minuciosa. Embora não haja registro de camadas naturais associadas aos artefatos, somos informados sobre a quantidade de artefatos ou peças líticas encontrada em cada camada de 20 cm. Infelizmente, a discussão fica em volta do material em geral e não de camada em camada.

Além da falta desse tipo de registro, não dispomos também de análises dos implementos individuais nem da sua localização em termos de camadas, o que era esperado de um sítio paleoindígena de tamanha importância. Devido a tudo isso, não encontramos meios de documentar mudanças através da sequência de camadas.

Há uma discussão a respeito de pontas bifaciais, pedunculadas ou não, bem como de lesmas, mas estas são de diversos locais e ainda de proveniência superficial, evidentemente não da escavação. Algumas têm os lados serrilhados, característica essa que aparece tardiamente em outras partes do País. O próprio material da escavação seria do horizonte “Pré-Ponta de Projétil” (ver KRIEGER, 1964), como grande parte da sequência que documentamos no Estado de São Paulo (MILLER, T. O., 1968, 1977). Lá, diferentemente da extensão desde o Rio Grande do Sul e atravessando Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás, as pontas de projétil entram tardiamente na sequência arqueológica. Isto não quer dizer que as pessoas da época não utilizassem pontas de projétil naquela região. Antes, significa que estas não eram feitas de pedra.

Figura 1 – “Ponta de Lança”



Fonte: LAROCHE, 1988.

No entanto, para o material da escavação, várias peças são apresentadas como “pontas” e “foliáceas”, o que corresponde à sua morfologia *lato sensu*, mas, no entender da grande maioria dos arqueólogos, uma lasca de forma vagamente triangular não constitui uma ponta de projétil por si só. A “Ponta de Lança”, figurada com a identificação “M1” (ver Figura 1), por exemplo, teria base diagonal e lados não retocados, salvo um ou outro retoque isolado, sem padronização, podendo estes ser de

uso-desgaste ou ainda acidentais. Laroche mostrou para este autor umas lascas do sítio sob consideração, dizendo que eram “pontas”. Tratava-se de lascas comuns, sem trabalho padronizado, mas com forma trianguloide.

Enfim, isto é uma base pouco precisa para se chegar a conclusões sobre a paleoecologia e as rotas migratórias de povoamento e evolução cultural do Nordeste. Infelizmente, Laroche não deixou um testemunho estratigráfico dos depósitos para verificação posterior, como é de costume entre arqueólogos. Por isso, nada pode ser verificado. Esta é uma triste conclusão, pois o sítio deve ter tido um valor enorme para a Arqueologia.

Na tentativa de dar um contexto maior aos achados, mais uma vez Laroche faz comparação com artefatos do Paleolítico Europeu. Essa prática depara com problemas que limitam a sua utilidade, pois as tradições são diferentes e relacionadas às adaptações peculiares ao ambiente europeu da época. Até que se tenha documentação de contatos e divergências ou convergências de tradições culturais por difusão, os arqueólogos brasileiros concordam que as indústrias líticas brasileiras devam ser vistas como brasileiras e não universais.

Afinal, afirmamos que as especulações de Laroche devem ser examinadas e testadas e não ignoradas nem relegadas a um limbo de esquecimento. A ciência progride através da discussão e não da aceitação do que está na moda do momento, nem tampouco por relegar a ideia diferente a um silêncio, até um completo esquecimento.

Pela nossa observação, Laroche usou como método fundamental (típico da abordagem teórica de Difusionismo) a Analogia Formal de Implementos Diagnósticos, não importando a proveniência das peças individuais. Isso teve como corolário a negligência descritiva ou análise diferencial dos artefatos não diagnósticos e, conseqüentemente, do seu contexto (de associação, inclusive estratigráfica). O resultado é

uma impossibilidade de se elaborar uma definição de culturas tampouco um quadro de mudanças ou ainda de evolução cultural.

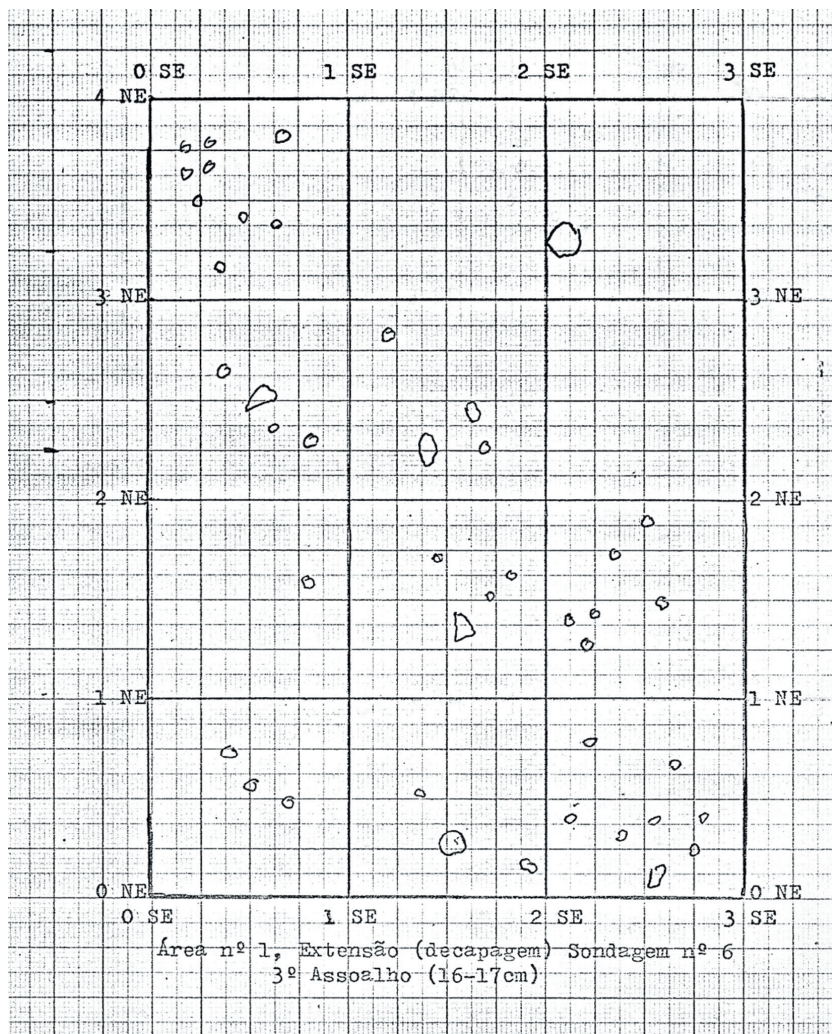
2 Outros pesquisadores do Museu Câmara Cascudo

Em 1980, os arqueólogos do MCC foram chamados para montar um projeto de Arqueologia de Salvamento na área de construção da barragem no Vale do Açu (MILLER, 1980; LAROCHE, 1981), daí resultando em algumas poucas publicações, a maior parte das quais, mais uma vez, de Laroche.

No Anexo 5 do relatório do Departamento², apresenta-se uma lista de sondagens nas “Áreas de Empréstimo” (de terra) da barragem, com a reportagem de “peças” (objetos de cerâmica e de pedra com ou sem modificações) encontradas por nível. Os objetos encontrados foram marcados com números referentes a sua sondagem, localização e ainda número de série, e colocados em sacos, de acordo com a sua sondagem e nível. Foram feitos desenhos (mapas) da localização de objetos em associação a *features* (“feições”) e, no caso de uma decapagem (Figura 2), a localização dos objetos, cada um com o seu número de série. Na decapagem, foram encontrados vários níveis ou assoalhos culturais, inclusive, com *features*, tais como conjuntos de pedras e artefatos e um buraco visto como poste de sustentação. A intenção era de poder reconstituir as *features* e a decapagem no laboratório. No mesmo Anexo, temos desenhos de 36 dos artefatos das sondagens (Figura 3), com a sua proveniência (sondagem e nível).

2 MILLER, T. O. (Org.). *Projeto de Salvamento Arqueológico da Região do Baixo Açu: Projeto Definitivo e Relatório de Pesquisa*. Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo. Natal: UFRN/Museu Câmara Cascudo, 1980.

Figura 2 – Mapa de decapagem, Baixo Açú



Fonte: MILLER, 1980.

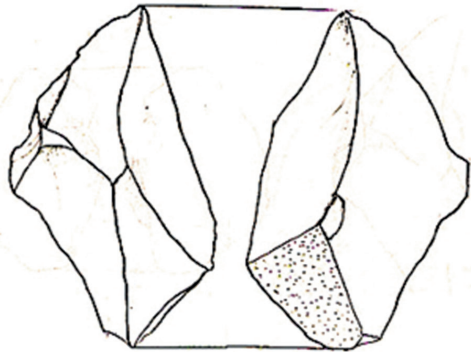
Infelizmente, um funcionário do Museu descartou o material não cerâmico por achar que não tinha nenhuma utilidade (não se tratava de “artefatos diagnósticos” como os que Laroche citava), portanto, não foi possível fazer as reconstituições projetadas.

Embora se trate de uma nota prévia em forma de relatório, este já tinha ido mais longe, na direção de especificar a documentação dos dados e relações, do que qualquer outro trabalho arqueológico do RN até então. Não temos a reportagem final, porque um desmoronamento de terra na construção impulsionou a empresa construtora a suspender os trabalhos arqueológicos para levar os depósitos, às pressas, para a construção. Daí o próprio Projeto Baixo Açú parou.

Figura 3 – Artefatos do Baixo Açú



Sondagem nº 2, nível
42-52cm; faca de
lasca de jaspe



Sondagem nº 3; superfície
Faca de lasca de jaspe



Decapagem junto à
Sondagem nº 6; assoa-
lho nº 4 (20-22cm)
Instrumento cortante



Pedreira nº 1 -
Quixeré; superfície
Faca de lasca de
jaspe

Fonte: MILLER, 1980.

No Museu, foi montado um Curso de Especialização em Arqueologia e na escola de campo do Curso foi feito um trabalho no Sítio Papeba, município de Senador Georgino Avelino (MILLER, T. O., 1991b; adiante vamos falar mais deste trabalho). Outros trabalhos de Laroche foram realizados no município de Macaíba (LAROCHÉ; LAROCHÉ, 1982).

Alunos e ex-alunos do Curso de Especialização, como bolsistas do MCC ou do CNPq, também publicaram trabalhos (SAMPAIO DE SOUZA; MEDEIROS, 1982). Outros também desenvolveram pesquisas sobre a tecnologia lítica, como as de Osmar Medeiros, sobre técnicas do talhe e os seus produtos, e as de Francisca Miller sobre o estudo de sinais de uso-desgaste de instrumentos experimentais sob baixa magnificação (90-120x), e de Willineide Rocha (MILLER, F.; ROCHA, 19--?.) e outros sobre a cerâmica. Dessas pesquisas, poucas foram publicadas.

Também no Museu, Tom Oliver Miller conseguiu a vinda do especialista em tecnologia lítica J. Jeffrey Flenniken, através do Programa norte-americano *Fullbright*, para ministrar cursos de tecnologia lítica em diversos centros brasileiros, incluindo o MCC.

Mais recentemente, alguns trabalhos feitos em Florânia e Pedro Avelino foram publicados por Luis Dutra de Souza Neto (2005), que também havia participado do Curso de Especialização do MCC. Em 1991, Ivanilda Costa publicou um balanço das atividades no Museu Câmara Cascudo (COSTA, 1991).

Na década de 1990, houve uma movimentação no Estado por causa da destruição de pinturas rupestres em áreas de calcário, tais como em Soledade (município de Apodi) e na região do Seridó. A pedido da direção do MCC, Tom Oliver Miller fez uma viagem a Apodi, com bolsistas, para avaliar a situação. O referido pesquisador, posteriormente, elaborou um projeto nos mesmos moldes do Projeto Baixo Açu, o qual, entregue à Diretoria, terminou por desaparecer nos labirintos burocráticos da Universidade.

O laboratório de Arqueologia da UFRN – LARQ

Nesse meio tempo, Paulo Tadeu de Souza Albuquerque chegou ao Departamento de História da UFRN e inaugurou o Laboratório de Arqueologia – LARQ –, trabalhando num sítio colonial, originalmente uma redução indígena, em Vila Flor, também contribuindo com um esforço para a preservação e estudo das pinturas rupestres de Soledade (ALBUQUERQUE; PACHECO, 2002; ALBUQUERQUE; PACHECO; SPENCER, 1994).

Em 1996, Walner Spencer, na época atuando no LARQ, publicou um trabalho didático e especulativo (SPENCER, 1996), retomando as observações paleoclimáticas e de rotas hipotéticas de povoamento levantadas anteriormente por Laroche, as quais seguem muito de perto as considerações de Schmitz (1980). Enquanto cita trabalhos de Ab’Saber e outros, Spencer também segue a prática iniciada por Laroche de observações mais hipotéticas (entremeadas com as conclusões) do que fatuais.

É preciso ter cuidado para não confundir tais especulações com os fatos comprovados, como Spencer parece fazer em relação aos trabalhos de Laroche.

A sua discussão dos *habitats* ou dos microambientes da região é interessante, e deve se acompanhar das ponderações do geomorfólogo Aziz Ab’Saber (1977, 1979), inclusive no tocante às descrições de lajedos e malhadas, além das de Schmitz (1980).

Spencer acompanha Paulo Tadeu (ALBUQUERQUE; SPENCER, 1994) nas considerações sobre a datação de material lítico em relação a dunas litorâneas. Em nossa opinião, eles deviam destacar mais o perigo representado pelo fato de estas possuírem a característica de serem migratórias.

Numa visita a Camurupim, observamos, na superfície, material arqueológico (uma mistura de cacos de cerâmica tupi e neobrasileira com telhas modernas), que foi coberto por uma

duna um ano depois. Ressaltamos que um material que hoje está em cima uma duna pode, em poucos anos, se encontrar debaixo de outra.

Outro realce que fazemos é que investigações de material em aparente associação com dunas devem ser feitas em colaboração com geomorfólogos. Quaisquer associações aparentes de artefatos entre si não teriam validade se os depósitos fossem secundários, exatamente como no caso dos depósitos na forma de pavimentos detríticos, enterrados ou não.

Subsiste, ainda, a possibilidade de se atribuir uma datação relativa ao material arqueológico encontrado na superfície das dunas, no sentido de que esse material seria posterior à formação destas, ou seja, num determinado momento, situado entre o da formação da duna e os séculos XVII e XVIII, quando os colonizadores europeus começaram a dificultar ou impedir as atividades dos indígenas. Isto, afinal, como datação, não parece muito satisfatório.

Outra questão é a da periodização de atividades econômicas de procura. Uma indústria caracterizada por ser voltada para a caça não garante a sua contemporaneidade com o período dos “Grandes Caçadores” de megafauna, o que pode nem ter acontecido no Brasil, nem tampouco com um período pré-agrícola. Convém salientar aqui que os “tapuias” não eram agricultores incipientes ou receptores de uma agricultura de origem tupi, sendo esta uma horticultura de raízes de propagação vegetal. Esses indígenas eram agricultores de uma longa tradição baseada em produtos semeados, com uma tecnologia totalmente distinta, portanto não da mesma origem.

Mesmo agricultores sem animais domésticos também têm que caçar e pescar, porque não podem viver sem proteínas. Ninguém vai carregar o peso de instrumentos de roçar para um acampamento de caça ou de pesca, e não é garantido que vão levar potes de cerâmica para tais acampamentos transitórios. Trata-se da diferenciação de sítios arqueológicos

especializados dentro de um conjunto maior de sistemas de procura adaptados a ambientes com uma pluralidade de opções (microambientes). E, de fato, Paulo Tadeu encontrou alguns desses sítios (p. ex., Genipabu) com material lítico em associação à cerâmica tupi, numa situação de “extrema mobilidade das dunas” (ALBUQUERQUE; SPENCER, 1994).

Os nossos autores corretamente chamam atenção para fato de que a presença de conchas num sítio não constitui um *sambaqui*, pois esse fenômeno é de uma classe muito especial e bem definida de sítio.

No entanto, mais uma vez, não há publicação do material arqueológico analisado e colocado em conjuntos em relação ao seu contexto, para que se possa começar a definir as culturas.

Restingas, pedras e novas frentes de atuação

Se Albuquerque e Spencer apresentaram uma classe de sítios arqueológicos anteriormente negligenciados, o presente autor quer chamar atenção para outra classe de fenômenos nunca investigada por arqueólogos: os “recifes” ou “restingas”, também chamados de *strand lines*. Essas formações se desdobram em três grupos, relativos às oscilações eustáticas do Quaternário, especificamente no Pleistoceno terminal e no Holoceno.

Baseado nos trabalhos de Fairbridge e de Bigarella, Campos e Silva (1968) data essas formações como tendo, pelo menos, 3000 anos de idade. São conglomerados de antigo material praiano, encontrados mar adentro quando associados a regressões marítimas (p. ex., Pirangi) e terra adentro, no caso das transgressões (5 m acima do nível atual do mar em Touros e São Bento do Norte; 2 m em Tibau, Cunhaú e Sibaúma; 1 m em Natal).

Em Senador Georgino Avelino, no barranco da estrada que entra na cidade e abaixo da escola, há um grande

afloramento dessa formação em forma de escarpa, uma concreção (restinga) preta de areia calcário-ferruginosa e conchas, alguns metros acima do nível do mar. Tal formação deve corresponder ao período transgressivo registrado também em Extremoz. As conchas são de moluscos das mesmas espécies encontradas atualmente nas praias. Um exemplo dessa formação foi reportado em Natal, um pouco ao sul da desembocadura do Rio Potengi, encimando uma camada contendo ossos de mastodonte, camada esta evidentemente o resultado de um depósito anterior retrabalhado.

Para o período de tempo envolvido, essa formação deve ser impreterivelmente investigada por arqueólogos, pois os geólogos, normalmente, não têm preparo para distinguir lascas e implementos fabricados de fragmentos naturais. Naturalmente, não se pode fazer escavações nessas formações, mas pode-se observar uma possível presença de lascas no meio das conchas tão nitidamente visíveis.

Também em relação à colaboração com as Geociências, têm surgido perguntas sobre a matéria-prima disponível aos habitantes pré-históricos do nosso Estado. Para tanto, convém examinar rapidamente a litologia da Bacia Potiguar.

As camadas rochosas da região se inclinam para o norte, sendo que as mais baixas afloram no sul e as mais altas no centro e no norte. O calcário basal da região, originário da Formação Parelhas, a qual pode ser observada em Açu e em São Rafael, é característico de regiões mais ao sul até à Serra da Borborema, onde se encontram nódulos de calcedônia no meio do calcário, nódulos esses considerados “lixo” pelos que minam esse calcário. A referida Formação constitui uma camada espessa de calcário cinza puro. Onde houver um “contato dos xistos com o gnaiss de São Rafael ocorre uma silicificação mais ou menos intrusa na rocha, tornando-se de aspecto maciço”³.

3 PINHEIRO, Mário; OLIVEIRA, Wilde Damaso. In: MILLER, T. O. (Org.). *Projeto de Salvamento Arqueológico da Região do Baixo Açu*: Projeto

Estratigraficamente superior à Formação Parelhas, temos a Formação Açú, cuja base se constitui em um conglomerado de arenito avermelhado com seixos de quartzo. Estes podem ser vistos aflorando na região de Lajes, inclusive com retoques feitos pelos habitantes pré-históricos.

O Arenito Açú Superior é uma transição para a Formação Sebastianópolis, constituída de calcários recifais. Esse tipo de arenito passa gradativamente através de um calcário arenoso até chegar a um calcário compacto. A referida Formação é a base da sequência superior calcária da região, “com textura variando desde um calcário arenoso até microcristalino”⁴. Essas formações passaram por uma erosão mecânica num regime pluvial irregular de enxurradas, de drenagem fraca, com os depósitos finos sendo levados a uma maior distância e os seixos ou nódulos mais resistentes e mais pesados se movendo apenas por curtas distâncias. Nos barrancos da estrada que vai de Açú em demanda ao oeste, podemos ver nódulos ou bonecos de um sílex microcristalino, de composição irregular, no meio do dilúvio formado pela lixiviação da rocha envolvente mais mole.

O sílex aparenta ser um arenito permeado de calcário e sílica, apresentando muitas falhas estruturais, não sendo, assim, uma matéria-prima de muita qualidade para o talhe, embora seja abundante no pediplano em questão.

O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) levou Vicente Tassone e este autor para ver uma região cujo acesso se dava ao longo de uma linha de transmissão de alta tensão. Tratava-se de uma clareira aberta para a manutenção da linha. Durante a viagem, os jipes passaram por quilômetros e mais quilômetros de cascalheira do tipo conhecido como

Definitivo e Relatório de Pesquisa. Departamento de Arqueologia do Museu “Câmara Cascudo”. Natal, UFRN: Museu Câmara Cascudo, 1980, p. 13.

4 Ibid., p. 16.

malhada, ou seja, chão pedregoso (AB'SABER, 1977). Eram nódulos e seixos do mesmo sílex encontrado – e frequentemente trabalhado – aflorando na região de Angicos-Pedro Avelino.

Certa vez, Vicente Tassone e Laroche convidaram este autor para visitar o sítio do Riacho da Volta, perto de Angicos, onde escavavam uma camada de pedregulho do mesmo tipo já citado, porém soterrado abaixo de uns dois metros de alúvio e cimentado numa espécie de calcreta ou ferricreta, como certas formações de Terraço de Várzea que vimos no Estado de São Paulo (MILLER, T. O., 1970). Essas concreções implicam um período quente e úmido (posterior ao período de deflação que produziu a cascalheira) pela percolação de águas carregadas de cálcio em solução. No caso do sítio de Angicos, não foi possível ver se se tratava de um paleopavimento (*stone line* ou linha de pedra), ou de um terraço pedimentado, pois não fomos levados ao córrego, em cujos barrancos teria sido possível ver a origem da formação.

As linhas de pedra são formações subsuperficiais, preferentemente formadas por fragmentos de rochas ou de crostas duras, e, como tal, constituindo fatos quase totalmente abióticos; sobretudo, pelas condições de sua geração, não incluem documentos palinológicos (nem radiocarbônicos) válidos (MILLER, 1970).

Ab'Saber coloca a sua formação no Pleistoceno terminal e observa que

não existem depósitos correlativos definidos das *stone lines* nos aparelhos sedimentários do litoral brasileiro (restingas, lagunas e depósitos de estuários), porque no momento da formação das linhas de pedra o nível do mar estava a dezenas de metros abaixo de seu nível atual (regressão pré-flandriana (AB'SABER, 1979, p. 13-14).

A partir do fim da década de 1980, o geólogo Eduardo Bagnoli, da Petrobras, começou a publicar as suas observações

de material arqueológico na região (BAGNOLI, 1989), inclusive reportando-se a “sambaquis” ou conchais no Litoral Norte. Bagnoli também se interessou pela situação em Soledade (BAGNOLI, 1993, 1994). Com a orientação do geólogo, cidadãos da região de Apodi criaram uma fundação para viabilizar a preservação dos sítios com a participação do próprio povo, que antes minava o calcário. Tal fundação foi financiada através do Ecoturismo arqueológico, seguindo o modelo desenvolvido pela arqueóloga Niede Guidón, no Piauí.

No fim da década de 1990, a equipe da arqueóloga Gabriela Martin, da UFPE, começou a se interessar pelo problema da destruição das pinturas rupestres da região do Seridó, iniciando uma série de trabalhos arqueológicos (FONTES, 2003; MACEDO, 2004; MARTIN, 1991, 2002/2003, 2006, 2007; NASCIMENTO; LUNA 1998; SANTOS JÚNIOR, 2005). No Seridó também foi criada uma fundação para educação patrimonial e Ecoturismo arqueológico.

Durante todo esse tempo, a Fundação “Guimarães Duque”, de Mossoró, vem publicando a *Coleção Mossoroense*, com trabalhos de diversos estudiosos.

Somente agora, estamos com o começo do estabelecimento da Arqueologia em outras instituições do Estado: a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, em Mossoró, com Valdeci dos Santos Júnior (2002, 2005a/b, 2007, 2008a/b/c) e Márcia Severina Vasques e outros na UFRN.

Áreas de contribuição da Arqueologia no RN

A Arqueologia do Rio Grande do Norte contribuiu com os trabalhos na Arqueologia Histórica, desenvolvidos na Fundação “José Augusto”, além do trabalho de Albuquerque já citado. Miller fez um estudo arqueológico dos carimbos postais como um exemplo de Patrimônio Histórico (MILLER, T. O., 2008a).

Depois da chamada histórica de Dantas (1994), as pinturas rupestres foram tratadas nos trabalhos de Paulo Tadeu Albuquerque e outros (1994b, 2002), Bagnoli (1993), Sampaio de Souza e Medeiros (1982) e Santos Júnior (2002, 2005a, 2008a), além dos trabalhos da equipe de Gabriela Martin, no Seridó (1991, 2007).

A associação de trabalhos de Geomorfologia e Geologia do Quaternário com a Arqueologia começou com o estudo de possíveis associações entre fauna pleistocênica e artefatos humanos, iniciado por Carvalho de Cabral e Campos e Silva, sendo comentado por Laroche e por Spencer (1996). Recentemente, como já comentamos, tal estudo foi renovado por Valdeci dos Santos e colaboradores (SANTOS JÚNIOR; PORPINO; SILVA, 2007).

Estudos sobre a tecnologia lítica apareceram nos trabalhos de Tom Oliver Miller (1969, 1975, 1979), e trabalhos sobre a cerâmica nas contribuições de Fontes (2003, 2006) e de Martin (1991, 2007). No Museu Câmara Cascudo foi feito um estudo da cerâmica, combinando abordagens etnoarqueológicas com as análises de laboratório de material arqueológico, testado por métodos estatísticos, por Tom Miller e Willineide de Almeida Rocha (MILLER; ROCHA, 19--), ainda inédito. Posteriormente, a mesma abordagem foi usada numa pesquisa pioneira de carimbos postais como Patrimônio Arqueológico, pois se trata ainda de artefatos (MILLER, T. O., 2008a). Também etnoarqueológico é o vídeo de tecnologia lítica dos xêta e tecnologia cerâmica dos xókleng, produzido por iniciativa da Base de Pesquisas NAVIS, do Departamento de Antropologia da UFRN (MILLER, T. O., 2008b). A análise de cerâmica, inclusive de faiança importada em tempos coloniais, foi um enfoque central do trabalho de Paulo Tadeu Albuquerque, em Vila Flor.

A preservação do nosso Patrimônio tem sido uma preocupação de Martin e Pessis (2002/2003), Santos Júnior (2005b) e Tom Oliver Miller (1998, 2008a). Além da preocupação com

o Patrimônio, teoria e a metodologia na Arqueologia sempre foram uma preocupação de Tom Oliver Miller (1963, 1970, 1978, 1980, 1981, 1982b, 1988c, 1990, 1991a, 1991b). Trabalhos didáticos foram feitos por Tom Oliver Miller (1988b, 2009b) e por Spencer (1996).

Estudos etnográficos começam a receber um apoio no sentido das raízes pré-históricas de comunidades contemporâneas, como nos trabalhos de Francisca Miller (2005, 2007), com o apoio técnico do arqueólogo Roberto Airon Silva, também da UFRN. Um estudo pluridisciplinar no mesmo sentido é o de Valdeci dos Santos Júnior (2008b), combinando dados históricos, etnográficos e arqueológicos em relação à nação tarairiú (hoje extinta). A Etnoarqueologia e a Arqueologia Experimental vêm sendo desenvolvidas nos trabalhos de Tom Miller (1982a, 2008b), inclusive na área da didática, na qual foi ministrado um curso de atualização para professores de Segundo Grau a pedido da Secretaria de Educação do Estado (MILLER, T. O., 1988b).

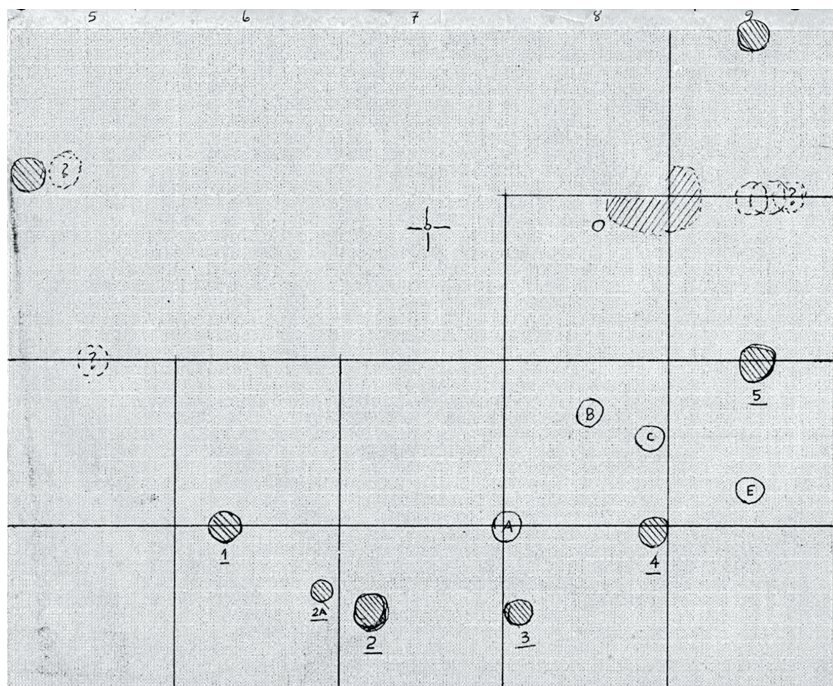
Embora ainda poucos na literatura arqueológica brasileira, trabalhos especificamente pluridisciplinares vêm despertando nos estudiosos um interesse crescente. No Rio Grande do Norte, por exemplo, houve trabalhos, já citados, em que a Arqueologia procura se entrosar com as Geociências e a Paleoecologia.

Uma aldeia tarairiú?

No nosso trabalho no sítio Papeba anteriormente aludido, reportado primeiro por Nasser (1974), combinamos dados históricos e etnográficos para tentar entender a situação encontrada arqueologicamente. O resultado foi publicado nos anais de um Congresso Regional de Antropologia em Recife (MILLER, T. O., 1991b), conquanto tenhamos a impressão de que poucos arqueólogos têm consultado tal comunicação. Por isso, vamos

repetir aqui uns parágrafos do trabalho citado que dizem respeito à curta investigação arqueológica no sítio indicado.

Figura 4 – Buracos de Postes de Sustentação de Casa; sítio Papeba



Fonte: pesquisa de campo.

Na primeira campanha (1982), percebemos, pelo mapeamento do sítio através de prospecções de um m² cada, num xadrez de 20 m x 20 m, que a área de maior acumulação de detritos tem a forma de ferradura. Também sabemos que a cerâmica característica do sítio é da Tradição Aratu, a qual tem a mesma distribuição geográfica que a das línguas do tronco macro-gê. Pelos nossos trabalhos etnográficos com povos como os xavantes, desse tronco no Centro-Oeste, conhecemos aldeias arranjadas em formato de ferradura e constituídas de casas em forma de colmeia em volta de uma praça central que

se mantém limpa. Tradição xavante liga esta tribo a uma origem no Médio São Francisco.

Na campanha de 1983, resolvemos testar a hipótese de que o sítio seria um acampamento de forma semelhante à das aldeias gê do Centro-Oeste (Figura 6), onde também se encontram cerâmicas da Tradição Aratu. Resolvemos atravessar o sítio por uma trincheira exploratória, partindo dos dois lados da ferradura, em direção à praça limpa (índice muito baixo de lixo pré-histórico).

Figura 5 – Buracos nº 2 e 2A, sítio Papeba



Fonte: pesquisa de campo.

Figura 6 – Casa indígena de um grupo de língua gê do Centro-oeste. À esquerda, casa para uma família extensa; à direita, abrigos construídos nas expedições de caça e coleta, feitos com menos esmero e, sendo menores, abrigam apenas uma família nuclear cada. Observe a semelhança da construção e colocação de estacas com o plano de buracos de estacas da Figura 4, Sítio Papeba, RN



Fonte: LOPES DA SILVA .

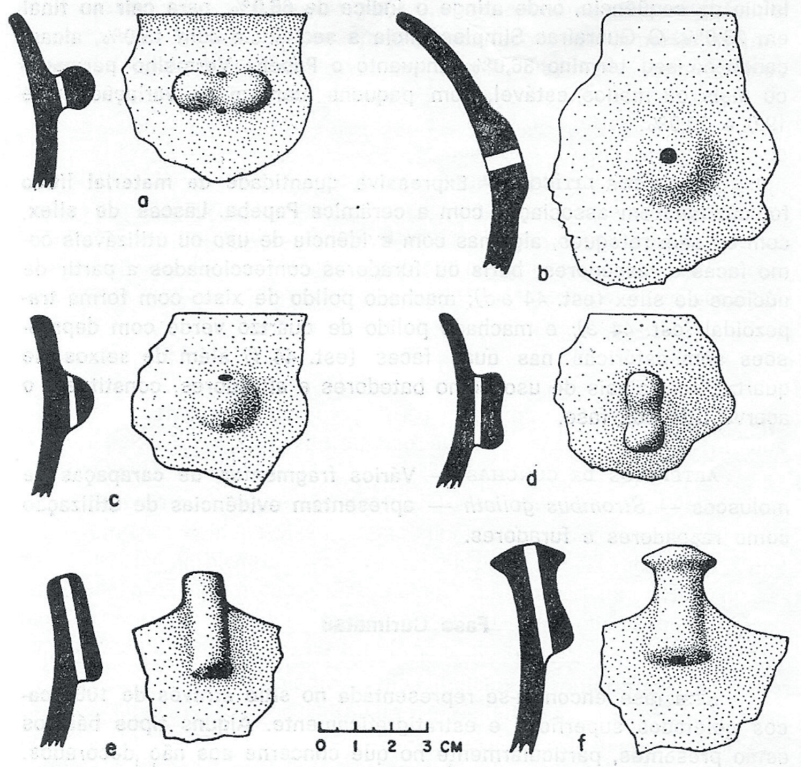
De fato, encontramos, em certo ponto da periferia, uma série de sinais de buracos de 30 cm de largura e 40 cm de profundidade, calçados no fundo com grandes cacos de vasos grossos ou (num caso) com um grande pedaço de concha (*Strombus goliath*) e aparentemente dispostos em forma de círculo, a distância de 1,10 m um do outro (Figura 4). Extrapolando o ponto central da casa e, usando 3 buracos como referência, descrevemos o arco com rádio de 2,6 m (ou seja, o diâmetro da casa seria de 5,2 m), encontrando assim mais buracos de postes (Figuras 4 e 5). Assim, a casa serviria apenas para uma família nuclear, não uma extensa. Não houve buraco para um poste central de sustento, de forma que os postes deviam ter sido amarrados em cima, dando forma de colmeia, como no caso das casas de povos como os xavantes.

No referido sítio, encontramos evidências de contato com o interior na forma de objetos (contas e um tembetá cilíndrico) de amazonita, matéria-prima que não se encontra no litoral, e também de uma esfera de pedra, interpretada como bola de boleadeira, que não seria útil nas matas da região litorânea, mas, sim, para caça no interior.

Abundantes fragmentos de concha e de osso de peixe indicaram uma parte importante da dieta do povo que lá habitava. Também associado com esse povo foram encontrados fragmentos pontudos de sílex, fabricados pela técnica bipolar que, evidentemente, faziam parte de raladores de mandioca; rodas de fuso, evidenciando uso de trançados de fibra; e vasos de tamanho médio e paredes espessas, que serviriam de igaçabas para enterro de ossos, mas não de pessoas inteiras. Posteriormente, os moradores locais localizaram um, ainda com dentes humanos dentro.

Também encontramos evidências de contato com europeus, na forma de fragmentos de porcelana (faiança) e de asas na cerâmica (Figura 7), normalmente perfuradas, as quais não são encontradas em contextos pré-cabralianos. Essas também foram reportadas por Nasser (1974). Foi encontrado também um objeto de cerâmica caolinítica, que interpretamos como um fragmento de cachimbo do tipo caracteristicamente usado pelos holandeses.

Figura 7 – Asas de Cerâmica Papeba



Fonte: NASSER, 1974.

As evidências mais enigmáticas de contato com europeus foram umas pequenas esculturas (ornamentos?) representando folhas e cabeças de serpentes (em estilo naturalista europeu), mas executadas em **osso** (não temos informações de uso de osso, em vez de madeira ou pedra, para tais esculturas na Europa). Só como especulação, podia-se lançar como hipótese de que tais ornamentos foram confeccionados por índios potiguares (“caboclos de língua geral”) aldeados em missões religiosas e apanhados pelos tarairiús, numa das suas investidas contra aqueles.

Investigando a literatura histórica sobre a região, especialmente Nieuhoff (1981) e Medeiros Filho (1984), descobrimos

que os holandeses citaram os “tapuias” (tarairiú), liderados pelo chefe Janduí, como tendo frequentado o litoral numa época em que se registra um estabelecimento holandês em Arês (perto de Senador Georgino Avelino). Esse povo indígena vinha para comer frutos do mar na época da seca do interior, época na qual, de acordo com os depoimentos dos índios aos holandeses, sofriam privações, especialmente de proteínas (caça).

Os tarairiús semeavam os seus campos de milho no início do período da seca no interior e iam para o litoral até à época das chuvas, quando o milho germinava. Depois da invasão dos tupis, eles tinham sido impedidos por estes de se deslocarem para o litoral. A presença dos holandeses, porém, possibilitou-lhes voltar a essa prática, aproveitando o ensejo com investidas contra tupis e portugueses, como forma de descontar a sua raiva contra esses povos, para eles, invasores.

Boleadeiras não são características do Nordeste, mas sabemos que os holandeses mantinham, na Europa, um próspero comércio de penas de ema, um apetrecho essencial nos chapéus dos cavalheiros da Europa da época. Quem caçava as emas eram os índios. Sendo assim, podemos lançar como hipótese que os holandeses introduziram a boleadeira na região para facilitar a produção de penas de ema, um comércio muito lucrativo na época, mas que desapareceu da região juntamente com os holandeses.

Recentes trabalhos de Valdeci Santos Júnior (2008c), na forma ainda de relatórios, alcançam um novo nível para a documentação dos vestígios arqueológicos, embora ainda não tenhamos trabalhos definitivos de análise do material. O mesmo autor também usa fontes históricas e etnográficas dentro da sua apresentação do contexto. Aliás, também fez um levantamento bem aprofundado sobre o que se sabe sobre os tarairiús (SANTOS JÚNIOR, 2008b). O bom começo da diversificação de centros de pesquisa na Arqueologia do RN promete.

Conclusões

Em todos os trabalhos arqueológicos do RN publicados até a década de 1990, o que se tem são “notas prévias”. Destas, vários autores “pularam” para os trabalhos sintéticos sem a documentação intermediária, ou seja, o trabalho descritivo e contextual das pesquisas. Assim, ninguém pode contestar as conclusões desses trabalhos na base de fatos, porque estes não estão disponíveis. Depois que alguns começaram a adotar a prática do “pulo”, outros os imitaram, passando daí a parecer um procedimento normal. O que não devia ser.

A Ciência procura a ordem num Universo aparentemente desordenado. Procura informação, pois esta oferece vantagens no jogo em que procuramos melhorar as nossas probabilidades de sobrevivência e vida melhor para a Humanidade. A Arqueologia é Ciência, não Fé. Conclusões de estudiosos não podem ser aceitas na base de Fé. Esta é Metafísica e não Ciência. A Ciência tem que se basear em fatos demonstráveis e não em opiniões geniais.

Ciências Sociais são, ou devem ser Ciência, no sentido de aplicar uma série de regras para disciplinar o raciocínio na busca de fatos (a “Verdade Científica”, o Santo Graal da Ciência – tão difícil de ser alcançado, mas passível de uma aproximação através da “Observação Intersubjetiva”, portanto, verificável). Os fatos a buscar são os que caracterizam e explanam as atividades humanas, com as suas limitações e possibilidades.

Longe de ser apenas uma Ciência, a Arqueologia é uma Ciência Social. Como outras Ciências Sociais, ela parte de um conceito de Cultura. Na sua prática, ela procura documentar analítica e sinteticamente atividades humanas no “palco” de um assoalho cultural (“componente”), de um sítio arqueológico, através de procedimentos científicos comparáveis aos dos forenses ou criminalistas, que também reconstituem eventos humanos num passado imediato, embora não documentado.

Somando as atividades humanas documentadas pelos objetos, acrescentadas à organização destes, no palco onde os atores humanos os deixaram após terminar a atividade, o arqueólogo coloca o resultado no contexto físico (meio ambiente), social (outras sociedades humanas com as quais aquela sob investigação estiver em contato) e temporal (antes de *o quê*; depois de *o quê*). Com essas informações, o arqueólogo reconstitui a cultura dos atores em questão.

A partir desse momento, a Arqueologia, na prática, se torna “Paleoetnografia”, ou seja, não é só História (crônica), é Antropologia. Quando o arqueólogo passa da pesquisa de campo e laboratório para a interpretação, ele está “fazendo” Antropologia tanto quanto História. Nesse momento, a teoria arqueológica e a teoria antropológica se fundem.

Por esta razão, a Arqueologia de campo e de laboratório tem que fornecer os dados, intersubjetivamente apresentados, suscetíveis a uso como documentos etnográficos. Isso está sendo feito no Sul, Centro-Sul e Centro-Oeste do país, mas ainda não está sendo feito no Rio Grande do Norte. Não temos **nenhum** trabalho definitivo publicado, descrevendo a cultura (arqueológica) de um povo ou sequer um sítio do RN. Dessa crítica nem o presente autor escapa, pois, embora tenha feito trabalhos definitivos no Centro-Sul, não o fez no RN.

Por que os arqueólogos do RN não fazem trabalhos definitivos de documentação científica de comunidades e atividades humanas do passado? É porque já criamos uma tradição local de “pular” das notas prévias para as sínteses especulativas, deixando as evidências concretas nas prateleiras dos laboratórios e museus. O trabalho de laboratório é um trabalho longo e cansativo, requerendo muita dedicação e paciência, mas *o trabalho de campo não alcança nível interpretativo enquanto não terminado no laboratório. Sem isso, as especulações interpretativas não têm valor científico.*

O material coletado no campo fica mais difícil de interpretar a cada ano (e pedaço de memória) que passa; a análise deve ser feita antes de se voltar para o campo e coletar mais material para ocupar espaço nas prateleiras e nos depósitos. Já presenciamos isso também no Sul do País, embora lá a comunidade de pesquisadores arqueológicos esteja saindo desse estágio. É hora de nós fazermos o mesmo.

Também não devemos esquecer de que a Ciência deve servir ao Homem, não apenas à corrida para prêmios acadêmicos. Nas nossas aulas e nos nossos empreendimentos de divulgação ao público (onde estão?), devemos sair das nossas conchas acadêmicas para levar à comunidade envolvente, da qual fazemos parte, os conhecimentos que podem servir ao processo decisório frente aos problemas do presente e do futuro.

Temos como exemplo a ser citado a reunião promovida pela Petrobras, na década de 1990, em Mossoró, sobre o impacto ambiental de projetos nas terras áridas do Rio Grande do Norte. Alguns dos participantes desse evento insistiram que a empresa citada devia liberar os poços abertos na prospecção para petróleo, que, posteriormente, eram lacrados por só produzirem água salobra. Argumentaram eles que o nível de sal não ia prejudicar a produtividade do solo (em curto prazo). Não estavam pensando em longo prazo, quando o efeito CUMULATIVO iria destruir qualquer possibilidade de cultivo durante milênios, como a Arqueologia já mostrou em áreas como Mesopotâmia, o Vale do Indo, o Vale do Gila (Arizona) e outros locais. Foi necessário que este arqueólogo chamasse a atenção a estes fatos históricos.

A Arqueologia do Rio Grande do Norte já teve impulsos de crescimento nas décadas de 1970 e 1980, com a equipe do Museu Câmara Cascudo e, em grau mais limitado (Seridó), na década de 1990, com a equipe da UFPE. Este breve resumo histórico da Arqueologia Norte-Rio-Grandense faz-nos pensar que ela agora pode estar entrando em uma nova fase acelerada e diversificada do seu desenvolvimento.

Referências

- AB'SABER, Aziz. Problemática da Desertificação e da Savanização no Brasil Intertropical. *Geomorfologia*, São Paulo, USP, n. 53, 1977.
- _____. Limitações dos informes paleoecológicos das linhas de pedra, no Brasil. *Inter-Facies*, São Paulo, UNESP, n. 1, 1979.
- _____. Problemas das migrações pré-históricas na América Latina. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4 – Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.
- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; SPENCER, Walner Barros. *O Homem das Dunas: Reflexões sobre um Projeto Arqueológico*. Natal, mss., 1994.
- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; PACHECO, Leila Serafim; SPENCER, Walner Barros. *Projeto Soledade: relatório final*. Natal. 1994.
- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza; PACHECO, Leila Serafim. O lajedo do Soledade: um estudo interpretativo. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-História da terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 115-133.
- BAGNOLI, Eduardo. *Contribuição ao levantamento do patrimônio arqueológico, paleontológico, geológico e ecológico do extremo Nordeste brasileiro*. Abril, 1989.
- PETROBRAS/DEPEX/DEBAR/DINTER/SELAB. O lajedo de soledade, Apodi (RN) – um exemplo de preservação do patrimônio cultural brasileiro com patrocínio da Petrobras. In: SEMINÁRIO AMBIENTAL DO SISTEMA PETROBRAS, 4., 1993, Contagem – MG. *Anais do 4º seminário ambiental do sistema Petrobras*. v. 2. Contagem – MG: Petrobras, nov. 1993.
- _____. O lajedo de soledade, Apodi – RN: um exemplo de preservação do patrimônio cultural brasileiro. *Revista da SAB*, São Paulo, v. 8, n. 1, 1994.
- BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no Leste da América do Sul. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4 – Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.
- CABRAL DE CARVALHO, José Nunes. Nota prévia sobre a jazida osteológica da Pedra dos Ossos, Serra do Ronco (município de São Tomé). *Instituto de Antropologia da UFRN*, Natal, v. 1, n. 1, p. 35-39, 1964.
- _____. Relatório preliminar das investigações Geopaleontológicas na área fossilífera pleistocênica da Fazenda Lágea Formosa, município de São Rafael. *Arquivos do I. A. Câmara Cascudo*, UFRN, v. II, n. 1 e 2, 1966.
- _____. *Considerações sobre a fauna pleistocênica do Lajedo da Escada*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 387).
- _____. *et al.* Informações sobre a jazida fossilífera pleistocênica do Lajedo da Escada, município de Mossoró, Rio Grande do Norte. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 389).

CABRAL DE CARVALHO, José Nunes; CAMPOS E SILVA, Antonio; OLIVEIRA, Leon Diniz Dantas de; VASCONCELOS, Manoel Daylor Teixeira de.

Relatório preliminar das investigações geopaleontológicas na área fossilífera pleistocênica da fazenda Lagea Formosa, município de São Rafael. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 333).

CAMPOS E SILVA, Antônio. Considerations on the Quaternário of R.G.N. *Arquivos do I.A. Câmara Cascudo*, UFRN, Geologia, n. 1, pt. 1, 1968.

CAMPOS E SILVA; CABRAL DE CARVALHO, José Nunes. *A fitogeografia no Rio Grande do Norte.* Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 390).

COSTA, Ivanilda Pinheiro da. A Antropologia no Museu 'Câmara Cascudo'. In: REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 2., Rio de Janeiro, 1991. *Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste.* Recife: UFPE; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP/ABA, 1991.

DANTAS, Beatriz; SAMPAIO, José Augusto; CARVALHO, Maria Rosário de. Os povos indígenas do Nordeste brasileiro: um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). *História dos Índios no Brasil.* São Paulo: Cia. das Letras/Secretaria Municipal da Cultura/FAPESP, 1992.

DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma civilização antiquíssima.* João Pessoa: Editora do Governo do Estado da Paraíba, 1994. 167 p.

ETNOARQUEOLOGIA no Brasil: Tecnologia lítica xêta e cerâmica Xókleng. Produção: Tom Oliver Miller. Organização: Francisca Miller. 1 fita de vídeo. Natal: Oficina de Tecnologia Educacional da UFRN/EDUFRN, 2008.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. *A Cerâmica Pré-Histórica da Área Arqueológica do Seridó/RN.* 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

_____. O perfil cerâmico cotidiano e cerimonial dos sítios arqueológicos da Pedra do Alexander, Casa de Pedra e Pedra do Chinelo – RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica v. 1, n. 21, 2006.

KRIEGER, Alex D. Early man in the New World. In: JENNINGS, J.; NORBECK, E. (Ed.). *Prehistoric Man in the New World.* Chicago: University of Chicago Press, 1964, p. 23-84.

LAROCHE, Armand François Gaston. *Arqueologia do Baixo Açu e notícias sobre culturas líticas do Rio Grande do Norte.* Natal: UFRN, 1981. Suplemento n. 7.

_____. Tópicos básicos de esclarecimentos resumidos referentes aos caçadores nômades do nordeste, em tempos finais do pleistoceno e começo do holoceno. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, Belo Horizonte, 1981 – 1982a. VI – VII.

_____. *O sítio arqueológico Riacho da Volta (Angicos-RN)*. Natal: EDUFRN, 1982b. Suplemento.

_____. *Ensaio de classificações tipológicas sobre pontas de arremessos e outros objetos líticos da Tradição Potiguar do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 412).

_____. *Ensaio morfológicos sobre tecnologias líticas nordestinas desde 11.000 anos A. P.* Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1984. (Coleção Mossoroense).

_____. *Sugestões para uma classificação morfológica das pontas foliáceas e lesmas*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1984. (Coleção Mossoroense).

_____. *Relatório das pesquisas realizadas referentes ao estudo dos grupos humanos pré-históricos pertencentes à Tradição Potiguar*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1987. (Coleção Mossoroense, v. CCCLXXIX).

_____. *Algumas contribuições para o estudo do povoamento do nordeste do Brasil, a partir de 11.000 anos B.P.: histórico da tradição Itaparica etc.* Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1987. (Coleção Mossoroense).

_____. *Notas preliminares sobre o sítio pré-histórico da Casa de Pedra: município de Martins – RN*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1988. (Coleção Mossoroense, Série A, n. 28). LAROCHE, Armand François Gaston; LAROCHE, Adjelma Soares e Silva. *O sítio arqueológico de Mangueiros, Macaíba/RN*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1982.

_____. *Considerações sobre a Pré-História do Nordeste Brasileiro nos Tempos Finais do Pleistoceno e Início do Holoceno*. *Clio*, Recife, Série Arqueológica n° 4 - Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.

LIMA, Jeannette Maria. *Dois períodos de subsistência no Agreste Pernambucano: 9000 e 2000 AP*. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4 – Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. *Relatório de Pesquisa da Monumenta Arqueológica: diagnóstico dos aítios arqueológicos de Carnaúba dos Dantas*. Caicó: CERES/UFRN, 2004.

MARIZ, Marlene da Silva. *Repertório de documentos para a História indígena existentes no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque/Fundação Vingt-Un Rosado, 1995. (Coleção Mossoroense, Série C, v. 871).

- MARTIN, Gabriela (Org.). Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4 – Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.
- _____. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Recife: EDUFPE, 1999.
- _____. A arte rupestre da região do Seridó, no Rio Grande do Norte e na Paraíba. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato-PI, n. 5 – Anais do I Seminário Internacional sobre Preservação da Arte Rupestre nos Sítios do Patrimônio Mundial, jan. 2007.
- _____. *et al.* Escavação arqueológica do sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas, RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica v. 2, n. 21, 2006.
- MARTIN, Gabriela; PESSIS, Anne-Marie. Área arqueológica do Seridó, RN, PB: Problemas de conservação do Patrimônio cultural. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato-PI, v. 1, n. 2, 2002/2003.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Índios do Açu e Seridó*. Brasília: Centro gráfico do Senado Federal, 1984.
- MILLER, Francisca de Souza. *Pescadores e Coletoras de Patané/Camocim*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2005.
- _____. *Comunidade Quilombola de Capoeiras, Rio Grande do Norte: Estudo Antropológico* (Relatório Final). Natal: Relatório apresentado ao INCRA. 2007.
- MILLER, Tom; ROCHA, Willineide de Almeida. Na pista da Artesã: Repensando a cerâmica arqueológica. *Arkios*, Mação (Portugal), 31, p. 95-148, 2012. (Estudos de tecnologia cerâmica. Inst. Politécnico de Tomar).
- MILLER, Tom Oliver. Algumas técnicas estatísticas na pesquisa arqueológica. *Sociologia*, v. 27, n. 2, p. 105-120, 1963. Separata.
- _____. *Dois Fases Paleoindígenas da Bacia de Rio Claro, SP: um estudo em Metodologia*. 1968. Tese (Doutorado) – UNESP, Rio Claro, SP, 1968. Mimeografado.
- _____. Sugestões para uma tipologia lítica para o interior do Sul do Brasil. Pesquisas, *Antropologia*, Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, São Leopoldo-RS, n. 21, 1969.
- _____. Considerações sobre a Pesquisa Arqueológica. *Cadernos Rioclarenses de Ciências Humanas*, Rio Claro-SP, n. 2, 1970.
- _____. Tecnologia lítica arqueológica: Arqueologia experimental no Brasil. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis-SC, n. 8, p. 7-124, 1975.
- _____. Arqueologia da Região Central do Estado de São Paulo. *Dédalo: Revista de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 16, p. 13-118, 1977. Leva data de 1972 na página título.

- _____. Homem, ambiente e sistema: para uma Arqueologia antropológica e intersubjetiva. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, Belo Horizonte, v. III, 1978.
- _____. Stonework of the Xetá Indians of Brazil. In: HAYDEN, Bryan (Org.). *Lithic Use-Wear Analysis*. New York: Academic Press, 1979, p. 401-407.
- _____. *Método e Teoria nos Programas de Salvamento Arqueológico*. Apresentado na seção de Arqueologia da Associação Brasileira de Antropologia no Rio de Janeiro, em 1980. Foi aceito para ser publicado na projetada Revista do Museu Câmara Cascudo, a qual nunca saiu.
- _____. (Org.). *Projeto de Salvamento Arqueológico da Região do Baixo Açu: Projeto Definitivo e Relatório de Pesquisa*. Departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo. Natal, UFRN: Museu Câmara Cascudo, 1980.
- _____. *Projeto de Salvamento Arqueológico do Vale do Apodi*. Natal, 1981. Mimeografado. Encomendado pelo Museu Câmara Cascudo.
- _____. Etnoarqueologia – implicações para o Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, Belo Horizonte, v. VI – VII, 1981 – 1982a.
- _____. Técnicas para Arqueologia de salvamento: uma sugestão do Baixo Açu. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*. v. VI – VII. Belo Horizonte: UFMG, 1981 – 1982b.
- _____. *Etnoarqueologia e o Nosso Patrimônio Pré-Histórico*. Natal: UFRN/ Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Rio Grande do Norte, 1988b. Trabalho Didático para Orientação de Professores de 2º grau.
- _____. *Proposta de manual e programa para salvaguardar a Memória Patrimonial do povo do Rio Grande do Norte*. Comunicação apresentada no Simpósio sobre Memória Patrimonial, UFRN. Mss. Inédita: 1998c.
- _____. *Epistemologia e ética nas ciências antropológicas: o método científico e os seus desafios*. Natal: EDUFRN, 1990.
- _____. *Métodos e técnicas de pesquisa nas ciências antropológicas*. Natal: EDUFRN, 1991a.
- _____. Do presente ao passado. In: REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E DO NORDESTE, 2., 1991, Recife. *Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e do Nordeste*. Recife: UFPE; Brasília: CNPq; Rio de Janeiro: FINEP/ ABA, 1991b.
- _____. O estudo dos carimbos postais do Brasil e do Rio Grande do Norte. *Mneme*, Caicó-RN, 2008. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme23/225.pdf>>.
- _____. O Papel da Arqueologia na Educação Patrimonial. In: SARTI, Antonio Carlos; MUNDET, Luís (Org.). *Turismo e Arqueologia: múltiplos olhares*. Piracicaba: PrintFit, 2009b. No prelo.
- NASCIMENTO, Ana; LUNA, Suely. Levantamento arqueológico do Riacho do Bojo, Carnaúba dos Dantas, RN, Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1, n. 13, 1998.

NASSER, Nássaro Antonio de Souza. Notas preliminares sobre a Arqueologia do sistema Curimataú-Cunhaú. *Publicações Avulsas do Museu Goeldi*, n. 6. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano 1965 – 1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967.

_____. Considerações preliminares sobre a Arqueologia da bacia do rio Curimataú. *Publicações Avulsas do Museu Goeldi*, n. 15. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quarto ano 1968 – 1969. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1971.

_____. Nova contribuição à Arqueologia do Rio Grande do Norte. *Publicações Avulsas do Museu Goeldi*, n. 26. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quinto ano 1969 – 1970. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1974.

NIEUHOF, Joan. *Memorável viagem marítima e terrestre ao Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1981.

PEROTA, Celso. A paisagem, o Homem e as estratégias de sobrevivência no Nordeste brasileiro durante o Holoceno recente. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4 – Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro, 1991.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. “Guerra dos Bárbaros”: resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial. Recife: FUNDARPE, 1990.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992, p. 185-98, p. 360-370.

SAMPAIO DE SOUZA, Maurina; MEDEIROS, Osmar. *Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte*. Natal: UFRN, 1982. (Coleção Textos Acadêmicos, n. 214).

SANTOS JÚNIOR, Valdeci. *Identificação gráfica dos registros rupestres de doze sítios arqueológicos do oeste e alto oeste potiguar*. Relatório de pesquisa – UERN, 2002.

_____. *Os registros rupestres da área arqueológica de Santana (RN)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Conservação do Patrimônio, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

_____. A influência das cartas internacionais sobre as leis nacionais de proteção ao patrimônio histórico e pré-histórico e estratégias de preservação dos sítios arqueológicos brasileiros. *Mneme*, Caicó-RN, v. 6, n. 13, p. 1-15, 2005.

_____. As técnicas de execução das gravuras rupestres do Rio Grande do Norte. *Fundamentos*, São Raimundo Nonato-PI, v. VII, p. 516-528, 2008a.

_____. *Os índios tapuias do Rio Grande do Norte: antepassados esquecidos*. Mossoró-RN: Fundação Vingt-Un Rosado, 2008b. 213 p. (Coleção Mossoroense, v. 500).

- _____. *Estudos Arqueológicos na Área de Intervenção das Usinas de Energia Eólica UEE Bons Ventos 50 MW, UEE Canoa Quebrada 57 MW E UEE Enacel 31,5 MW, município de Aracati, Ceará*. Etapa I – Prospecção. Volume I: Diagnóstico. Relatório apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Bons Ventos Geradora de Energia S/A. Fortaleza-CE: jan. 2008c.
- SANTOS JÚNIOR, Valdeci; PORPINO, Kleberon; SILVA, Abrahão Sanderson N. F. da. A megafauna extinta e os artefatos culturais de um tanque na região Central do Rio Grande do Norte. In: CONGRESSO DA SAB, 2007, 14., Florianópolis. *Anais do XIV Congresso da SAB: Arqueologia, Etnicidade e Território*. Florianópolis: UFSC/SAB, 2007.
- SANTOS JÚNIOR, Valdeci; PORPINO, Kleberon de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima Cavalcante Ferreira dos. Lajedo de Soledade, Apodi-RN: ocorrência peculiar de megafauna fóssil quaternária no Nordeste do Brasil. *Série Tecnologia Mineral (DNPM)*, v. 3, p. 01-12, 2008.
- SCHMITZ, Pero Ignácio. *A evolução da cultura no Centro e Nordeste do Brasil entre 12.000 e 4.000 anos antes do presente*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/ UNISINOS, 1980. Mimeografado.
- SOUZA NETO, Luis Dutra; BERTRAND, Daniel. Mapeamento dos sítios arqueológicos do município de Florânia/RN. *Mneme*, Caicó-RN, v. 7, n. 15, abr./maio, 2005.
- SOUZA NETO, Luis Dutra; BERTRAND, Daniel; SABINO, Ana Amélia de Brito. Análise da coleção lítica do Sítio Arqueológico Serrote dos Caboclos, município de Pedro Avelino/RN. *Mneme*, Caicó-RN, v. 7, n. 16, jun./jul. de 2005.
- SPENCER, Walner Barros. *Pré-História do Rio Grande do Norte: em busca dos grandes caçadores*. Natal: EDUFRRN, 1996. 86 p.
- WILLEY, Gordon R. *An Introduction to American Archaeology*. v. II: South America. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971.